

A geração conectada e a escola: a atualização do discurso educativo diante dos novos dispositivos de comunicação

Elisangela Rodrigues Costa¹

Michel Carvalho da Silva²

RESUMO

O presente artigo discute as mudanças no cenário da escola frente à midiaticização cada vez mais precoce desde a infância. Com as novas tecnologias de informação e comunicação, há uma urgência na reformulação de currículos, dos projetos pedagógicos e da identidade do professor. O trabalho pretende refletir como o discurso da inovação é incorporado à educação de maneira pouco crítica, numa espécie de louvação à tecnologia e subordinação ao mercado. A discussão revisa alguns conceitos forjados por Gutierrez, Papert, Tapscott, Postman, Buckingham e Prensky, a fim de estabelecer um eixo teórico do qual parte a reflexão que se propõe.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia; Comunicação; Educação; Infância.

INTRODUÇÃO

A criança hoje nasce e cresce num ambiente circundado por tecnologia digital. Com isso, a escola iluminista perde o primado do saber para outros agentes de socialização, como as novas mídias e seu potencial educativo.

O mundo tecnocomunicativo rompe com o padrão de contribuições indiretas das revoluções industriais passadas. E está (in)diretamente vinculado às questões da educação, na aquisição, organização e transmissão de informações. Trata-se da primeira revolução socioeconômica da história a oferecer tecnologias diretamente ligadas ao processo de ensino-aprendizagem.

Compreender o processo de midiaticização como a articulação da vida do indivíduo aos dispositivos da mídia possibilita o reconhecimento de que, hoje, a produção do discurso educativo formal não adquire entendimento ou sentido fora da ambiência desse campo social midiático, tornando-se um grande desafio aos docentes.

Resgatando o pensamento de Foucault, que diz que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos [...]” (2009, p.44), entendemos que neste período existe um movimento que parece atualizar ou ritualizar o discurso da Educação e que aspira transformar o dogmatismo do sistema tradicional num modelo moderno, inovador, sintonizado com gerações cada vez mais conectadas.

Entre um utopismo visionário e um pessimismo tecnofóbico, a questão que se impõe é: como incorporar novas linguagens numa dinâmica propedêutica, ancorada num tradicional modelo educacional?

Muitos defendem a tese de que a escola precisa evoluir junto com a sociedade, de modo a antecipar e até inspirar transformações culturais, isso quer dizer que o ambiente escolar precisa estar em perfeita harmonia com o mundo global e digitalizado do século XXI. Com isso, os projetos pedagógicos precisariam necessariamente reproduzir as mudanças ocorridas na sociedade, como incorporar as tecnologias de informação e comunicação em seu ambiente.

1 Jornalista, pedagogia, especialista em Sociologia e Política, Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Linha de pesquisa Comunicação e Educação.

2 Jornalista, mestrando em Ciências da Comunicação (ECA/USP), linha de pesquisa Comunicação e Educação.

E qual seria a identidade do educador frente aos imperativos desse contexto social mutante? Tutor, facilitador, assistente de aprendizagem ou professor-curador?

A resposta buscada não pode estar vinculada apenas a um discurso moderno, mas sim com novas ações pedagógicas para diminuir a distância entre a instituição e a imersão tecnológica na qual crianças e adolescentes vivem. Diante dessa assertiva, a eliminação, ainda que gradativa, de velhas práticas educativas, a tal da “educação bancária”, tão condenada por Paulo Freire, na qual na maior parte da aula o professor(ativo) é o orador e o aluno apenas (passivo) ouvinte, é fundamental.

Contudo para essas alterações é necessário reconhecer habilidades, comportamento, contextos, culturas e outros fatores que contribuem com o aprendizado dos indivíduos que nasceram num mundo digital.

Diálogos: desde meados do século XX

Nos anos 70, Gutierrez já preconizava que os responsáveis pelos sistemas educacionais não poderiam nem deveriam ficar à margem de um fenômeno tão complexo como a midiatização da sociedade. “É urgente a necessidade de revisar a educação à luz das novas exigências que nos oferecem os meios de comunicação social, tanto por seu conteúdo quanto por suas formas (1978, p.14)”. Naquela época, o autor considerava que não se podia continuar pensando em uma escola encerrada entre quatro paredes e completamente desvinculada do processo de comunicação.

Diferentes meios de expressão (e, necessariamente, também, de percepção) carregam em si novas possibilidades de comunicação. Cada educando deverá poder e saber escolher o canal de comunicação que mais satisfaça às necessidades de sua própria consciência. Todo educando deve ter a possibilidade e a liberdade de expressar o mundo e o seu mundo. Isto o levará a rechaçar os estereótipos. Cada indivíduo colocará sua própria e característica visão do mundo para que seja ‘criticada’ cientificamente. Esta intercomunicação constitui uma das formas mais autênticas de educação (GUTIERREZ, 1978, p. 32)

Ainda nesta linha que compreende a necessidade do reconhecimento das ligações entre as áreas da Comunicação e a Educação, Citelli (2012), em *Inflexões Educomunicativas*, traz à discussão a difusão dos aparatos midiáticos e tecnológicos na escola tradicional, expõe que “tal processo deve demandar análise mais fina, pois os vínculos da educação formal com aqueles dispositivos de comunicação demonstram aspectos positivos e, também, uma série de problemas” (2012:8).

Ao resgatar o sentido histórico dos processos formadores e contraditórios da sociedade brasileira, a tal da modernização, pontua sua observação no que se refere à apropriação social do conhecimento processado em sala de aula.

É imperioso reconhecer que a dupla educação formal e novas tecnologias – uma das vertentes da modernização – apresenta singularidades que espraiam, seja na questão do acesso propriamente dito aos dispositivos da comunicação, seja na orientação do sensório das gerações mais jovens. Noutros termos, os circuitos do aprendizado devem ancorar-se não apenas nas metodologias tradicionais – sem atribuir ao termo nenhuma carga negativa, apenas sinalizando um tipo de práxis de que servem como exemplos os procedimentos enciclopédicos e transmissivos - mas, podem ser ampliados tendo em mira o conjunto de possibilidades que se abrem para o acesso ao conhecimento e à informação (CITELLI, 2012:8).

O autor discorre sobre as divergências de opiniões quanto à entrada dos meios de comunicação em sala,

compreendendo tanto os computadores como outros suportes digitais. Em sua análise, de um lado, encontramos aqueles para quem eles se justificam na aparente superação de um conjunto de problemas impregnados no sistema escolar, incluindo condições inadequadas ao exercício da função docente e formações desqualificadas. Para outros estudiosos, o uso destes recursos denota que “as instituições educativas encarnam o medo de enfrentar os desafios propostos pelo mundo contemporâneo, em sua complexidade sociotécnica” (2012:9).

A dicotomia apresentada expõe com precisão a defesa do autor quanto à seguinte evidência: a privação de materiais, o desacerto da cultura institucional que centraliza na figura do professor alguém para manter os procedimentos sancionados pela tradição didático-pedagógica, o que não desperta interesses quanto ao desenvolvimento de estratégias educativas, requisitos do novo cenário social. Citelli elucida que a escola pode e deve proceder à incorporação dos recursos tecnológicos, sejam eles digitais ou não, sem, no entanto, cair no perigoso reducionismo tecnicista.

Hugo Assmann (2000), em *A metamorfose do aprender na sociedade da informação*, enfatiza que a espécie humana alcançou hoje uma fase evolutiva inédita, na qual os aspectos “cognitivo e relacional” da convivência se “metamorfoseiam” com rapidez nunca antes experimentada.

Quanto à crítica à razão instrumental, Assmann ressalta ser um desafio permanente, porém, para evitar mal-entendidos, esclarece (2000:10):

Nada de redução do *Lógos* à *Techné*. Mas, doravante, já não haverá instituição do *Lógos* sem a cooperação da *Techné*. As duas coisas se tornaram inseparáveis em muitas das instâncias – não em todas, é claro – do que chamamos aprender e conhecer. Estamos desafiados a assumir um novo enfoque do fenômeno técnico. Na medida em que se tornou co-estruturador de nossos modos de organizar e configurar linguagens, penetrou também nas formas do nosso conhecimento.

Com um olhar mais sensível à tríade professor, tecnologia e aluno, Assmann mostra em suas análises um pensamento de cooperação, termo muito usado em seus textos, acerca da relação ser humano e máquina. Mostra a impossibilidade de construirmos conhecimentos sem o uso destes recursos, contudo, aponta ao que chama de dinâmica cooperativa que interfere, consideravelmente, no campo dos sentidos emergidos a partir dela e da necessidade, então, da formação de agentes solidários que interfiram nestas constituições, ação que o aparato por si só não consegue fazer.

Sendo assim, contata-se que as alterações que as tecnologias da comunicação provocaram na sociedade atual interferem diretamente no comportamento das pessoas e no perfil dos cidadãos contemporâneos, que o digam as novas gerações.

Geração Internet: a sala de aula e os nativos digitais

A sobrecarga de informação é algo característico da sociedade contemporânea. Ao contrário das gerações anteriores que reclamam desse fenômeno, os *nativos digitais*, ao disporem de uma vasta quantidade de recursos multimídia, têm grande possibilidade de aprender como selecionar qual informação da internet tem relevância ou responde a suas necessidades.

O americano Marc Prensky (2001), há mais de uma década, utiliza-se dos conceitos de *nativos digitais* às crianças e jovens que nasceram e cresceram cercados pelas novas tecnologias. Na visão de Prensky, hoje, um dos grande desafios da escola é atuar com jovens que vivem na manifesta *e-life*, acostumados à rapidez do hipertexto³,

3 Hipertexto: conceito de Pierre Lévy, definido, a partir de perspectivas técnicas e funcionais, como um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de

a baixar músicas, usar celulares, notebooks, mensagens instantâneas etc.

A principal crítica do americano recai sobre os professores, pertencentes ao grupo dos *imigrantes digitais*, que nasceram em outra época e aprenderam a construir o conhecimento de forma diferente aos nativos. Em seu ponto de vista: “Os professores imigrantes digitais assumem que os educandos são os mesmos que sempre foram, e que os mesmos métodos que funcionaram com os professores quando eram estudantes irão funcionar com seus alunos agora” (PRENSKY, 2010:3).

A distância entre as gerações é o foco de Marc Prensky ao elaborar os conceitos de *nativos e imigrantes digitais* termos que explicam as diferenças culturais entre os que cresceram com a era digital ou não. Entretanto, o autor elucida que a inserção de suportes tecnológicos no ambiente educacional, como lousas digitais e laboratórios de informática, não é garantia de sucesso na prática pedagógica:

Introduzir novas tecnologias na sala de aula não melhora o aprendizado automaticamente, porque a tecnologia dá apoio à pedagogia, e não vice-versa. Infelizmente, a tecnologia não serve de apoio para a velha aula expositiva, a não ser da forma mais trivial, como passar fotos e filmes. Para que a tecnologia tenha efeito positivo no aprendizado, os professores precisam primeiro mudar o jeito de dar aula. No meu livro, uso o termo “Pedagogia de Parceria” para definir esse novo método, no qual a responsabilidade pelo uso da tecnologia é do aluno – e não do professor (PRENSKY, 2010:42).

Não se colocando como apocalíptico e anunciado o fim da escola formal, o autor acredita que a sala de aula sim, como a conhecemos hoje, não servirá para ensinar.

“Em Crescer na era das mídias eletrônicas, David Buckingham (2007) mostra que as mídias contemporâneas preferidas pelos jovens apresentam qualidades fundamentalmente diferentes daquelas da geração de seus pais”.

As novas mídias são vistas como mais democráticas que autoritárias, mais diversificadas do que homogêneas, mais participativas do que passivas. Avalia-se que elas engendram novas formas de consciência entre os jovens, que os levam além da limitada imaginação de seus pais e professores. Se esses autores nem sempre dizem que as tecnologias determinam consciências, eles parecem acreditar que as mídias o fazem (BUCKINGHAM, 2007:67).

Os otimistas do uso das mídias na educação combatem as abordagens tradicionais do aprendizado, que remontam à cultura livresca, em que os conteúdos precisavam ser lidos do começo ao fim, numa perspectiva linear.

O surgimento de novas formas de comunicação e cultura causa uma reação esquizofrênica. Segundo Buckingham, de um lado, atribui-se a essas novas formas um potencial positivo, principalmente em relação à aprendizagem; de outro, são entendidas como prejudiciais àqueles que são vulneráveis (no caso, crianças e jovens).

Um dos mais otimistas é Don Tapscott, que baseia seu pensamento em dois conjuntos de oposições binárias, entre tecnologias (a televisão versus internet) e entre gerações (a geração *baby-boom*⁴ versus a geração-net) como relata em “Geração Digital”.

Buckingham afirma que Tapscott é um determinista⁵ tecnológico, contudo não deixa isso explícito em gráficos, sequências sonoras, documentos complexos.

4 Como foram chamadas nos Estados Unidos e Inglaterra as crianças nascidas na explosão demográfica que se seguiu ao período de prosperidade, após o término da Segunda Guerra Mundial em 1945.

5 Raymond Williams - o teórico critica o determinismo tecnológico ao tratar sobre as mídias e em cada uma de suas análises estuda o caráter histórico que os meios comunicacionais: televisão, imprensa e publicidade, acabam assumindo perante uma dada

suas obras, sempre trabalha com o pressuposto de que “a tecnologia digital resulta de mudanças inevitáveis” (2007:74).

Nesta linha de pensamento, “vivemos numa nova cultura” é assim que Henri Jenkins em sua obra “A cultura da convergência” entendendo-a não apenas como um processo tecnológico, que une várias funções dentro dos mesmos aparelhos, ela representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos (2009:30). Jenkins destaca que os velhos meios comunicacionais não estão sendo substituídos pelos novos, como se pensava; o que ocorre é a mudança de funções com a inserção das tecnologias.

De Gutierrez, Buckingham, passando por Tapscott é preciso admitir que:

A cultura participativa é um fenômeno global. Jovens de todo mundo estão abraçando os recursos de expressão e distribuição dos computadores para criar e compartilhar seu próprio material cultural. Em todo o planeta, eles estão misturando suas tradições folclóricas com as, agora globalmente acessíveis, formas de acesso às expressões digitais que não poderiam ser imaginadas pelas gerações anteriores (JENKINS, 2010:1).

A partir desses pensadores elaboramos questionamentos acerca do modelo educacional vigente, assunto que trataremos no próximo item.

O repensar do sistema educacional

Muniz Sodré (2012) comenta que hoje não é a eficácia de um sistema educacional em relação a seus objetivos que está em primeiro plano, e sim, a capacidade de se adequar às normas de competências estabelecidas por organizações internacionais, como a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), a Unesco e o Banco Mundial.

Os próceres da tecnologia educacional consideram inevitável o uso de algum recurso digital no processo de ensino aprendizagem. No entanto, é evidente que a tecnologia por si só não acelera automaticamente o processo de aprendizado, por mais moderna ou promissora que pareça.

Seymour Papert, filiado a uma psicologia cognitiva, privilegia a aprendizagem individualizada, “autodirigida”, que prossegue no ritmo natural da criança, isto é, liberada de algum modo automático pelo uso dos computadores. Apesar de não ignorar aspectos negativos, os problemas para Papert “aparecem quando os pais, professores e criadores de programas de computador tentam impor suas metodologias inspiradas na época em que eram alunos” (2007:16).

A lacuna entre a tecnologia educacional e a realidade social do estudante é principal crítica ao construcionismo de Papert, como evidenciado por Sodré:

Sem a dimensão cultural a tecnologia fecha-se narcisicamente em torno de si mesmo, exercendo efeitos de fascinação pela eficácia do desempenho técnico que contempla a cognição individual, mas recalçando o vínculo com a comunidade e com o entorno sócio-histórico, esse mesmo que responde pela transitividade política do conhecimento (2012, p. 160).

O mercado mundial incorporou o discurso da inovação na educação. Alguns grupos empresariais do setor, como o Santillana, prometem um “novo” sistema pedagógico, baseado na utilização de tablets com aplicativos, vídeos, jogos e textos. Na matéria “Novo sistema de ensino investe em tablet” publicada no jornal O Estado de S. Paulo, em dezembro de 2012, afirma-se que o sistema Uno Internacional possui parcerias com Apple, Discovery, realidade.

Animal Planet e Unesco. Ainda de acordo com a matéria, a proposta desse sistema é transformar a gestão para que se chegue a um estágio cada vez mais avançado de digitalização.

Contudo, é preciso admitir que o uso da internet no espaço escolar é gradual e, muitas vezes, frustrante, uma vez que boa parte dos aplicativos utilizados é produzida sob a lógica comercial, distribuídos em larga escala, muitas vezes, sem nenhuma preocupação pedagógica. Assim, é comum verificar o computador sendo utilizado nas salas de informática, em atividades pouco criativas que priorizam o uso instrumental da tecnologia.

Progressivamente, o que se observa nestes casos é a imposição de uma lógica de subordinação mercantil na educação. A preocupação é transformar demandas sociais do conhecimento em demandas empresariais, cujo resultado é a conversão de todo saber e toda ciência num negócio lucrativo.

Sendo assim, é válido destacar que a aprendizagem possui características permanentes que têm pouco ou nada a ver com tecnologia. O educador deve refletir sobre como um determinado dispositivo de comunicação pode satisfazer a necessidade de ensino de seus alunos e não importar automaticamente as mais recentes tecnologias digitais.

Os professores que incorporaram as TIC's sem sua práxis pedagógica estão se dando conta que a massiva introdução na escola de computadores ligados à internet não significa melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Para aprender é preciso mais do que um novo aparelho, trata-se de um processo lento, que nada tem a ver com a prática do “copiar” e “colar” da internet, tão comum em nossas escolas.

O próprio Papert adverte que a adoção das tecnologias digitais não significa necessariamente novos e modernos equipamentos, mas o desenvolvimento de ambientes de aprendizagem, com o uso real dos conceitos de interatividade entre os estudantes e professores.

Neste aspecto, Berlarmino Costa destaca que as novas gerações, já adaptadas aos ícones e códigos da internet, possuem potencial imensurável em relação à reconfiguração da realidade por meio da computação gráfica. Por isto, quanto à tecnologia, alerta (2010:93):

[...] não desvelar o caráter formativo presente na tecnologia, que atua no controle e na adaptação dos sentidos, e muitas vezes na condição de isolamento do indivíduo, mesmo que conectado em redes sociais e em processos de comunicação descentrados, significa observar os fenômenos midiáticos de forma parcial, quando o que é considerado passa pelo imediatamente percebido, sem que sejam significadas as conexões de causalidade e de totalidade da relação entre a tecnologia, as necessidades humanas e a formação das habilidades.

A respeito dos suportes digitais, o autor enfatiza que o uso “não subleva, em si, a capacidade narrativa e de expressão, em que, paralelamente, haja formação do sujeito dependente de outros fatores para se autodeterminar, como a capacidade de, no processo educativo, superar a sua adaptação ao mundo” (2010:101).

Para lidar com esses desafios impostos pela tecnologia, pensa-se hoje em um professor-curador, como destacou a professora Elizabeth Saad Corrêa⁶ (USP). Este profissional é um docente que tem a possibilidade de levar para a sala de aula, de forma organizada, assuntos transversais às disciplinas, traduzidos para a linguagem daquele grupo em questão, com o objetivo de estimular debates.

“O curador é uma pessoa que está conectada e sabe se comunicar com o seu público-alvo. Além disso, ele precisa dominar o assunto”, afirmou. Da mesma forma, o professor-curador será mais efetivo se for multimídia,

6 Livre-docente do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) organizadora do e-book *Curadoria geral e o campo da Comunicação*.

aliando informações de livros didáticos, blogs, vídeos e outros suportes.

Este trabalho é ainda mais sensível quando se considera que a maioria dos usuários de internet não sabe que ferramentas de busca, como o Google, têm um sistema que filtra as notícias e informações de acordo com o perfil do usuário. Desta forma, é pertinente que o professor também discuta e traga informações que vão “além da primeira página” de resultados (CORRÊA, 2012)

Tecnologia na Educação

Compartilhando das ideias de Jean Piaget, Papert é um dos primeiros a utilizar a informática para o aprendizado da descoberta. Sua teoria pedagógica chamada de construcionismo estimula o estudante a criar situações problemáticas com o auxílio de aplicativos, como a linguagem de programação Logo. Destinando um papel mais ativo para o indivíduo, o construcionismo promove uma aprendizagem conduzida pelo próprio aprendiz, que acompanha o ritmo natural da infância.

Diz Papert:

A educação tradicional codifica o que pensa que os cidadãos precisam saber e parte para alimentar as crianças com esse ‘peixe’. O construcionismo é construído sobre a suposição de que as crianças farão melhor descobrindo (‘pescando’) por si mesmas o conhecimento específico de que precisam; a educação organizada ou informal poderá ajudar mais se certificar-se de que elas estarão sendo apoiadas moral, psicológica, material e intelectualmente em seus esforços. O tipo de conhecimento que as crianças mais precisam é o que as ajudará a obter mais conhecimento (2008, p.135)

Papert acredita que os computadores proporcionam novas formas de aprendizado que transcendem as limitações dos métodos lineares, como o jornal impresso e a televisão.

Em se tratando de história, Dertouzos (1997) comenta que entre 1984 e 1991, o MIT estudou diferentes experiências pedagógicas com computadores. Em uma delas, testou-se o conceito de “professores automáticos” que arquivavam respostas prontas para as perguntas mais frequentes de determinadas disciplinas. O estudante digita a questão e o sistema responde. Caso o programa não consiga encontrar a pergunta em sua lista, transfere o problema para um assistente de ensino humano, que a responde de onde estiver.

Pierre Levy (2010) considera que a o mais importante nesse debate é manter as práticas pedagógicas atualizadas num cenário com novos processos de transação de conhecimento. Levy diz:

Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo, os papéis de professor e de aluno (2010, p. 174).

Algumas cidades brasileiras adotaram nos últimos anos projetos de educação baseados na ideia de inclusão digital em que cada aluno recebe um laptop, mas o agravante é a falta de planejamento e formação dos professores neste sentido.

O imutável na escola

Os sistemas educacionais ainda estão baseados em valores seculares, como o da conservação, transmissão e enriquecimento da cultura de uma sociedade. Como instituição responsável pela socialização do saber sistematizado, a escola reflete o modelo político-ideológico de educação adotado.

Partindo disso, os espaços escolares tendem a produzir experiências de aprendizagem padronizadas, gerenciadas e pouco criativas. Por outro lado, se parássemos tudo repentinamente e mudássemos o sistema

educacional a cada nova mudança social, teríamos uma verdadeira catástrofe para resolver. Devido ao ritmo da evolução tecnológica, as TICs se tornam obsoletas muito rapidamente, como gestores e professores acompanhariam essa mutação?

Por isso corroboramos com o pensamento de Perrenoud (2002) ao afirmar que apesar das novas tecnologias, da modernização dos currículos, da renovação das ideias pedagógicas, o trabalho dos professores evolui lentamente, pois depende muito pouco do progresso técnico. Para o autor, a relação educativa obedece a um esquema bastante estável, e suas condições de trabalho e sua cultura profissional estabelecem rotinas entre os professores. Dessa forma, a evolução dos problemas e dos contextos sociais não se traduz, *ipso facto*, em uma evolução das práticas pedagógicas:

Um observador que voltasse à vida depois de um século de hibernação notaria mudanças consideráveis na cidade, na indústria, nos transportes, na alimentação, na agricultura, nas comunicações de massa, nos costumes, na medicina e nas atividades domésticas. Se, por acaso, entrasse numa escola, encontraria uma sala de aula, uma lousa e um professor dirigindo-se a um grupo de alunos. Sem dúvida, o professor não estaria mais usando uma longa capa, nem o professor de ensino fundamental usaria uma túnica. Os alunos não usariam mais uniformes nem tamancos. O professor teria descido de sua cátedra, e o visitante acharia os alunos muito impertinentes. Durante a aula, talvez percebesse alguns vestígios de uma pedagogia mais interativa e construtivista, de uma relação mais afetiva ou igualitária que a existente em sua época. No entanto, em momento algum duvidaria que se encontrava em uma escola. (2002, p. 190-191)

Existem inúmeras discussões sobre a abordagem mais adequada na escola para contemplar as necessidades dos indivíduos, os argumentos recaem sobre as ações didáticas com vistas à autonomia. De um lado, existem tendências que postulam a construção de uma pedagogia que atenda ao perfil desse “novo aluno” e possibilite o reconhecimento dos múltiplos discursos sociais existentes e as formas manifestas em que são legitimados.

Por outro lado, um discurso largamente disseminado de que o fim da escola está próximo e que, graças às novas tecnologias de informação e comunicação, a era da autonomia do aluno já começou e tende a se consolidar como um modelo contemporâneo de educação.

Sendo assim, alguns questionamentos são pertinentes: o vislumbrar de um aluno crítico, autônomo ou emancipado não é mais possível? Ou é o entendimento de “autonomia do sujeito” que não é mais o mesmo? Então, para que tipo de sociedade se está educando? A partir dessas indagações, clarifica-se que o pressuposto de sujeito tal como proposto pelas teorias pedagógicas é questionável ainda mais em tempos de cultura virtual.

A infância e a educação nos tempos da cibercultura

Postman tenta explicar as mudanças contemporâneas na infância por meio de um único vilão: as mídias eletrônicas. E, por meio de um conjunto de evidências, tenta provar que a distinção entre adultos e crianças está desaparecendo.

Entre os aspectos observados pelo pesquisador sobre a dissolução da infância, destacamos: a eliminação das brincadeiras tradicionais, vestuários típicos infantis, homogeneização nos interesses de lazer, hábitos alimentares, preferências de entretenimentos, corroboram para a construção de um perfil de criança, que de acordo com Postman já não é mais infantil, com muitas características de adultos.

As mídias eletrônicas atingiram diretamente a relação entre adultos e crianças, desafiando a autoridade do primeiro sobre o segundo. Por meio da imprensa e da escolarização, diz Postman:

Os adultos viram-se com um controle sem precedentes sobre o ambiente simbólico dos jovens, e desse modo foram capazes de estabelecer as condições pelas quais uma criança se tornaria adulta, e mesmo obrigados a estabelecê-las (1980:99).

Ao fazer uma leitura de Postman, Buckingham revela que a imprensa é vista pelo autor como responsável pela criação de nossa concepção contemporânea da infância e a televisão como aquilo que a está destruindo. “Dessa perspectiva, a tecnologia é vista como autônoma em relação a outras forças sociais, exercendo sua influência sem depender dos contextos e propósitos em que é usada” (2007:58).

É inegável que a escola ainda é uma instituição social que colabora na construção sobre o que significa ser uma criança – e uma criança de uma determinada idade. Postman lembra que depois da prensa tipográfica, os mais jovens para se tornarem adultos teriam que ingressar ao mundo da leitura, para isso, precisariam do sistema educacional. Na Era de Gutenberg, a civilização europeia reinventou as escolas, transformando a infância numa necessidade institucionalizada.

[...] como a infância e a idade adulta se tornaram cada vez mais diferenciadas, cada esfera aperfeiçoou seu mundo simbólico e, finalmente, passou-se a aceitar que a criança não podia compartilhar e não compartilhava a linguagem, o aprendizado, os gostos, os apetites, a vida social, de um adulto. Na verdade, a tarefa do adulto era preparar a criança para a administração do mundo simbólico do adulto (POSTMAN, 1999, p. 65)

Se a televisão, como pontua Postman, já oferecia uma alternativa à lógica linear e sequencial da palavra impressa, com as novas mídias, subverte-se totalmente a concepção de ordem hierárquica do saber, tornando irrelevantes os rigores de uma educação letrada.

Dufour (2005) compartilha de algumas ideias de Postman, ao afirmar que as novas tecnologias têm consequências para a função simbólica e para as formas de simbolização das crianças e dos adolescentes. Para Dufour, os nativos digitais apresentam referências simbólicas mal fixadas. O uso das próteses sensoriais, como as novas mídias digitais, só pode permitir o desenvolvimento de novas aptidões nos casos em que a função simbólica está quase fixada.

Do ponto de vista da educação, Dufour entende que existe uma surpreendente ruptura entre a modernidade e a pós-modernidade, sendo que a geração adulta não faz mais a educação da mais jovem.

Desaparecendo o motivo geracional, não há mais disciplina e, como não há mais disciplina, não há mais educação. O aparelho escolar pós-moderno apresenta, pois, essa particularidade espantosa: agora que a obrigação de escolaridade é (pela primeira vez na história) quase que generalizada, há cada vez menos educação (2005, p. 141)

Apesar do determinismo de Postman e de Dufour, é preciso admitir que algumas de suas críticas são relevantes para pensar no papel da escola, dos professores e dos próprios pais neste cenário de mutação constante. Atender aos imperativos da cibercultura⁷ é relativizar a responsabilidade dos adultos no processo de ensino-aprendizagem dos mais jovens? O sujeito da educação muda com a midiaticização, os sentidos são negociados e construídos de forma colaborativa, sem a intervenção tutelar de uma autoridade, há de fato uma ruptura geracional. No entanto, não acreditamos que o adulto se torne acessório nessa dinâmica, apenas que seu papel não é mais central como no passado.

⁷ Para Levy, “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (isto é, com a internet e todas essas formas tecnológicas transnacionais de comunicação, que derrubam as fronteiras do espaço e inauguram uma nova realidade virtual” (2010: 17)

CONCLUSÃO

Em pleno século XXI a Educação ainda está ancorada no modelo escolar iluminista apesar das transformações tecnocomunicativas ocorridas nas últimas décadas. E as necessárias adaptações às exigências vigentes na sociedade, corroboram para que esse processo torne-se cada vez mais um desafio, sobretudo aos educadores.

Ao refletirmos sobre a sala de aula como um local à manifestação dessas transformações, depreendemos que o professor possui cada vez mais, a função de orientador na medida em que os conteúdos dos meios tornam-se “invasores” desse universo – assim, a questão do acesso passa a não ser a única preocupação, como já fora anteriormente.

Entretanto, o sistema educacional, planos de ensino, materiais pedagógicos, bem como a palavra de autoridade institucional, compõem jogos discursivos em torno da prática docente e perpetuam formatos procedimentais que ratificam a “vontade de verdade”, conceito de Michel Foucault, por meio de seleção, controle e redistribuição de determinadas ações.

Neste momento histórico, a relação em torno do consumo com esses meios, ou seja, o impacto que eles provocam no comportamento das crianças e jovens, resulta também da lacuna entre os nativos e os imigrantes digitais como já explicitado por Marc Prensky.

É válido cuidar para não reforçar a dicotomia entre os utopistas visionários que acreditam em “superpoderes” das tecnologias desconsiderando a humanidade e também não cair num pessimismo em relação as revoluções por ela provocadas.

Com o termo “reencantar”, utilizado por Hugo Assmann (2000), com conotação freiriana, ao se referir ao processo educacional, vem à tona a ideia de colocar ternura e considerar a relação homem-máquina com uma visão humanista, evitando os perigos de um determinismo tecnológico.

Ainda neste quesito, outro item a ser considerado é a dimensão discursiva quanto aos textos (não) verbais, o hipertexto, pois permite a construção de ideias, valores e conceitos que circulam pelos suportes comunicacionais. É preciso considerar a tecnicidade de que trata Jesús Martín-Barbero (2009), pois em sua visão, em frente à tela do computador não estamos apenas diante de uma máquina, mas estabelecemos uma relação diferente de todas as anteriores, vínculos entre informações e cérebro por meio da linguagem sonora, visual, escrita e multimídia.

Sendo assim, o lugar das tecnologias é um dos desafios a serem enfrentados na inter-relação entre comunicação e educação que deve ser pensado com vistas a favorecer emancipação dos alunos, como apontado por Adilson Citelli (2010).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 29, nº 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2007.

CITELLI, Adilson O. Inflexões educomunicativas. **Revista Comunicação e Educação**. São Paulo: CCA -ECA-USP. Paulinas, ano XVII, nº 1, jan./jun. 2012.

COSTA, Belarmino César Guimarães da. Comunicação e Educação na era digital: reflexões sobre estética e

virtualização. **Revista Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 7, nº 19, p. 87-103, jul. 2010.

DERTOUZOS, Michael L. **O que será**: como o novo mundo da informação transformará nossas vidas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças**: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEVY, P. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. **Revista Matrizes**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. São Paulo: Paulus. Ano 2. nº 2. Primeiro semestre de 2009. p.151-152.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício do professor**: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRENSKY, Marc. **Don't bother me, mom. I'm learning!** How computer and video games are preparing your kids for 21st century success and how you can help! St. Paul, Minnessota: Paragon House, 2001.

_____. O aluno virou o especialista. Entrevista **Revista Época**. Editora Globo, edição 634, julho 2010a.

SAAD, Beth. **Como usar o conceito de curadoria digital em sala de aula**. Instituto Claro. Outubro, 2012. Disponível em: <<https://www.institutoclaro.org.br/blog/como-usar-o-conceito-de-curadoria-digital-em-sala-de-aula>>. Acesso em 29/01/2013.

SALDANÃ, Paulo. **Novo sistema de ensino investe no tablet**. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,novo-sistema-de-ensino--investe--no-tablet--,974496,0.htm>. Acesso em 17/12/12.